

**Revista de Literatura,
História e Memória**



Seção: Pesquisa em Letras no contexto
Latino-americano e Literatura, Ensino e
Cultura

ISSN 1983-1498

VOL. 15 - Nº 26 - 2019

UNIOESTE/CASCAVEL - P. 159-175

ATIVIDADE EPISTOLAR DE MÁRIO DE ANDRADE

The epistolary activity of Mário de Andrade

Valdemar Valente Júnior¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo detectar elementos inerentes à obra de Mário de Andrade no que diz respeito à produção epistolar que desenvolve ao longo de mais de duas décadas com escritores, pintores, músicos e críticos literários como um retrato significativo da moderna atividade cultural brasileira. A dimensão crítica do que se estabelece como conteúdo da maioria dessa correspondência serve para reiterar a condição do polígrafo e estudioso que dedicou sua vida às diferentes manifestações da cultura e da arte como uma espécie de credo a que professou com profunda devoção. O romancista, contista, cronista, crítico de

literatura, cinema e artes plásticas, músico e etnógrafo, entre outras atribuições de seu vasto talento, encontrou na atividade epistolar uma válvula de escape como expressão paralela do que somente se tornaria de conhecimento do público leitor pouco mais de uma década após o seu falecimento, em 1945. A isso corresponde a iniciativa de seus interlocutores, bem como de diferentes pesquisadores que passam a gradativamente disponibilizar esse precioso material em edições às quais se acrescenta um elevado nível de valor ao já inestimável prestígio do autor de *Macunaíma* e *Pauliceia desvairada*. Diante disso, cabe recorrer à ampliação de seu vasto repertório de ideias por intermédio de sua interlocução com alguns dos mais significativos representantes da cultura brasileira do século XX.

PALAVRAS-CHAVES: Cultura brasileira; Modernismo; memória; cartas.

ABSTRACT: This article aims to detect elements inherent in Mário de Andrade's work in the epistolary production that he has developed for more than two decades with writers, painters, musicians and literary critics as a significant portrait of modern Brazilian cultural activity. The critical dimension of what is established as the content of most of this correspondence serves to reiterate the condition of the polygrapher and scholar who devoted his life to the different manifestations of culture and art as a kind of creed which he professed with deep devotion. The novelist, chronicler, chronicler of literature, film and plastic arts, musician and ethnographer, among other attributions of his vast talent, found in the epistolary activity an escape valve as a parallel expression of what would only become known to the readership little more than one decade after his death in 1945. To this corresponds the initiative of its interlocutors, good as of different researchers who gradually make available this precious material in editions to which a high level of value is added to the already insatiable prestige of the author of *Macunaíma* and *Pauliceia desvairada*. At the same time, it is necessary to resort to the amplification of his vast repertoire of ideas through his interlocution with some of the most significant representatives of Brazilian culture of the twentieth century.

KEYWORDS: Brazilian culture; Modernism; memory; letters.

1. INTRODUÇÃO

As cartas escritas por Mário de Andrade ao longo de mais de duas décadas dão conta de

¹ Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós Doutor em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor da Pós-Graduação em Letras da Universidade Estácio de Sá

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Valdemar Valente Júnior

um período de profunda reflexão acerca da cultura e da arte como elementos promotores de mudanças significativas com resultados expressivos na sociedade brasileira. O evento modernista, de que toma parte como um de seus protagonistas, redefine formas de atuação que corroboram a mudança que se impõe a partir da saída de cena da velha ordem que, na literatura como na política, condenam o país a trilhar o caminho do conservadorismo. Decorre dessa mudança a abertura que se faz sentir na obra de Mário de Andrade como reflexo de um pensamento crítico que passa a fazer parte da posição que assume como escopo de sua atividade. Daí a necessidade de estabelecer níveis de comunicação com parte dos artistas e intelectuais que como ele ajudam a configurar um espaço de reflexão e redefinir um conceito de brasilidade, colocando em evidência os elementos da cultura autóctone trazidos à luz pela ação inovadora que seu projeto propugna. Arrimado à necessidade de estabelecer contatos que referendam sua procura por aspectos originais da cultura brasileira, Mário de Andrade não se furta a ir ao encontro das mais diferentes tendências da produção cultural e intelectual de seu tempo, do mesmo modo que amplia essa busca na direção de outros elementos da criação e do pensamento.

A isso acrescenta-se a publicação de suas cartas, no tempo que sucede sua morte, em 1945, quando vêm à luz as observações mais oportunas de sua escrita poderosa, a partir do debate acerca dos segmentos da cultura pelos quais se interessa. Assim, a falta de meios de comunicação que pudessem objetivar as bases do que propõe o faz recorrer à atividade epistolar como recurso que fundamenta a teorização do que se propõe a transmitir, nos termos do ensinamento que divide. Além disso, Mário de Andrade observa o talento de escritores mais jovens, na condição de decano da cultura. Do mesmo modo, há que se evidenciar as cartas em que manifesta o cansaço decorrente de seguidas batalhas, quando a frustração diante de projetos interrompidos anuncia o desapontamento que o acompanharia até a morte. Diante do que se faz representar por meio de suas cartas, evidencia-se a posição do ensaísta que intercala às discussões teóricas confissões de sua vida pessoal, bem como a exposição de ideias e projetos em que se multiplica. O resultado dessa incansável produção, com o tempo, assume um foro específico como expressão das linhas de pensamento a que se dedica.

A paciência em estabelecer correspondência com diferentes regiões do país representa uma continuidade à atividade do autor de *Macunaíma*. Essa posição obedece a um esquema de organização que faz de sua condição de missivista uma vertente significativa que acompanha *pari passu* o encaminhamento de uma obra que se estrutura a partir de várias peças que configuram sua articulação. Daí explicitar-se a capacidade de quem se remete a diferentes interlocutores que com ele compõem um enorme sistema de pensamento que se alia ao conceito

de cultura moderna. Em face da enorme distância que o separa dos demais articuladores da cultura moderna a que se faz preciso ter contato, Mário de Andrade desdobra-se em sucessivas cartas nas quais estabelece as linhas de um projeto que se amplia como proposta e objetivo. A partir do desejo de desvelar a cultura brasileira, em vista da leitura dos aspectos mais profundos de sua relação com a arte do povo, suas cartas contribuem como termo de valor primordial.

Diante disso, torna-se imprescindível recorrer à correspondência de Mário de Andrade para que se tenha a noção do que representam os desdobramentos da ação modernista. A revelação de elementos que passam a caracterizar a mudança de termos estéticos tende a conferir a Mário de Andrade e a seu vasto conhecimento a condição de elo no que se refere à transição entre as possibilidades de entendimento acerca da cultura brasileira. Seu interesse, no sentido do que representa para sua obra a expressão de uma brasilidade crítica, não se atem apenas aos aspectos folclóricos de natureza decorativa. Assim, a manifestação do que se faz presente em *Clã do jabuti* (1927), *Macunaíma* (1928), por exemplo, decorrem da vontade de Mário de Andrade de tomar posse de elementos da cultura brasileira ainda em estado natural. A determinação de se manter afastado da cultura de massas em vista do material que rejeita, na concepção de seu projeto, o faz voltar-se para as manifestações da cultura autóctone a que cataloga em suas duas viagens ao Norte e ao Nordeste. Por conta disso, não se exime do contato com quem lhe possa abrir caminhos, sendo a atividade epistolar o meio que viabiliza seu intento.

A máxima configurada no verso “eu sou trezentos” ilustra a capacidade de Mário de Andrade de ampliar o halo de atuação de sua obra na direção de um fator que poderia vir a funcionar como apêndice, mas que com o correr do tempo apresenta-se em sua função precípua, ajudando o que parece nunca ter sido reconhecido como índice de representação da cultura brasileira. Daí a vontade de multiplicar-se como manifestação de um desejo que ao invés de lhe roubar o tempo que dedicaria a outras atribuições da criação artística concorre como mais uma das facetas do escritor empenhado em dar ao Brasil algo que parece nunca ter existido antes do Modernismo. Em vista disso, cabe-lhe o lugar de intelectual capaz de abrir mão do que seria apenas uma repetição dos movimentos da vanguarda europeia para dedicar sua atenção a um conceito de originalidade que o remete ao esforço em estreitar sua relação com o barro da cultura em estado original. O ponto de observação onde se situa mostra-se privilegiado, na medida em que se inscreve como fator de uma tradição nunca devidamente observada, passando a compor um *corpus* da cultura moderna que se situa como elemento imprescindível e termo indispensável.

O missivista capaz de converter o coloquialismo da linguagem informal de suas cartas em material de pesquisa e ensinamento aos mais jovens, através de quem também tonifica seu espírito cansado de disputas infundas, tende a fazer com que essa atividade, de que por vezes se queixa, converta-se em termo essencial de sua obra. Ao múltiplo escritor acrescenta-se a condição de quem converte a atividade epistolar na possibilidade de entendimento acerca das injunções políticas do tempo em que vive. Ao final de sua jornada, combatido pelos achaques que lhe roubam a saúde, resta ao escritor prematuramente envelhecido um pouco da energia dos verdes anos. Desse modo, as limitações impostas pelo tempo não o impedem de seguir no exercício da escrita epistolar como parte relevante de tudo quando tocou sua profunda sensibilidade de artista e seu laborioso espírito de homem público. Ambientadas a um recorte que enfoca um dos momentos mais significativos do pensamento brasileiro, essa escrita denuncia o desejo de quem se dedicou às questões culturais do país.

O resultado do que se revela como configuração de um legado crítico encontra na correspondência de Mário de Andrade a ampliação o debate acerca de temas imprevistos, até então ignorados como escopo de seus estudos. As transformações a que os modernistas buscam dar conta dizem respeito às manifestações de cunho primitivo de que Mário de Andrade não se furta a analisar. Daí as cartas que escreve remeterem-se a fragmentos da cultura que são a própria razão de ser de sua obra. O desprendimento a que se presta coloca Mário de Andrade na situação de quem participa da cena cultural de seu tempo, mas do mesmo modo lança as bases do que permaneceria como contribuição para as gerações futuras, uma vez que sua obra passa a merecer seguidas reedições. No que tange à condição de missivista contumaz, sua contribuição abrange ainda mais a colocação na ordem do tempo dos temas que discute, evidenciando uma informalidade no trato com seus interlocutores que se coaduna à própria configuração do Modernismo em sua proposta de aproximação dos discursos oral e escrito. A isso corresponde a condição de entendimento acerca do que o outro representa como complemento do que procura estabelecer como pedra fundamental de sua obra.

2. AS CONFIGURAÇÕES DO MODERNO

A correspondência de Mário de Andrade com algumas das figuras mais representativas da cena modernista em seus primeiros instantes, assim como alguns dos que se integraram às discussões que se estendem como via de interesse, denuncia uma vontade permanente de atualizar o país a partir do que representa ir ao encontro de uma originalidade que procura

recuperar como uma espécie de elo perdido, a exemplo da muiraquitã. “A longa meditação que atravessa todo o percurso da obra de Mário de Andrade tem dois tipos de referência constantes; a análise do fenômeno musical e do processo de criador do populário”. (SOUZA, 1979, p. 11). A isso acrescenta-se o fato de que Mário de Andrade se aproxima de sua mais importante personagem, na medida em que ambos buscam obsessivamente a revelação do que lhes fundamenta a vontade e viabiliza os passos percorridos. O caminho sem volta, no que diz respeito ao compromisso assumido pelo escritor diante de si mesmo, acarreta uma condição da qual não há como fugir. Diante disso, seu interesse em promover uma espécie de arte que potencializa sua atuação plena encontra na cultura popular um filão que se estende em direção à atuação que empreende nos mais diferentes meios de expressão da escrita a partir dos quais explicita seu talento. Assim, a correspondência com Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Luiz da Camara Cascudo, ainda que se estenda, registram um primeiro instante de seu desejo pleno, a partir do que compõe a estrutura de seu pensamento:

Mário é a própria transgressão. Aquele que não se conforma, liderando com coragem e dignidade a renovação não somente da nossa literatura, mas da nossa estética. Tal era a abrangência de seu espírito, que também a renovação das artes plásticas e da música brasileiras devem a Mário uma contribuição inestimável. (SANTOS, 1994, p. 101).

Diante disso, efetiva um plano de propostas estéticas que confirmam sua visão acerca do que acredita constituir-se na colaboração que autentica seu lugar no âmbito da cultura. As posições que defende pontificam como configurações da cultura moderna que não têm como desprezar os fundamentos da cultura arcaica do país que se apresentam como um filão. As cartas que escreve acumulam-se como matéria-prima essencial, redimensionando a concepção da arte como signo de indeterminação para situá-la em sua dimensão política. Em vista disso, mostra-se atento ao momento que se segue à ação modernista, uma vez que a opção pela arte recolhida das mãos rudes do povo denota sua enorme capacidade de compreensão acerca das questões sociais decorrentes dos variados campos de estudo e pesquisa a que se dedica. “A correspondência de Mário de Andrade constitui hoje instrumento importante para o conhecimento do escritor e de sua obra, sua atuação na época, as intenções e processos de sua criação”. (BATISTA, 1989, p. 5). Desse modo, as cartas que escreve nesse primeiro momento dão conta da relação que o Modernismo estabelece como uma abertura sem precedentes, no sentido de poder incorporar à cultura brasileira componentes até então desprezados.

Desse modo, a obra de Mário de Andrade incorpora em todas as suas instâncias elementos da cultura popular como marcas registradas da intenção de quem estabelece com esse *corpus* uma relação intrínseca. Nesse sentido, as cartas que escreve ao longo de mais de duas décadas denunciam seu encontro com o que parece significar uma expressão do coletivo, na medida em que coloca sua obra a serviço do que representa a descoberta do povo como espécie de totem a que procura reverenciar. Assim, os objetos de arte popular que recolhe em suas andanças pelo país relacionam-se a cada uma das cartas que escreve, havendo em sua correspondência ativa uma aproximação inextrincável com relação ao desejo de servir à cultura popular que acompanha o homem e o escritor. O missivista representa antes de tudo alguém que faz das múltiplas cartas a correspondentes muitas vezes desconhecidos um mecanismo de contato que amplia sua capacidade de promover a epistolografia à condição de texto literário que varia em grau entre a confissão pessoal com os amigos mais próximos e teoria da cultura e da arte que entabula em relações de trabalho e pesquisa:

Mas se é possível dividir em blocos de atividades a produção de Mário de Andrade – o poeta, o ficcionista, o ensaísta ou mesmo o correspondente que dialoga com muitos e sempre consigo mesmo –, aquilo que os reúne e os articula é um sentido que traduz a pluralidade. (BARBOSA, 1996, p. 225).

A intenção de Mário de Andrade diz respeito ao levantamento de um legado cultural que se faz presente tanto na música de Villa-Lobos quanto na pintura de Tarsila do Amaral, uma vez que esses artistas enxergam de modo claro a necessidade de trazer para o plano da obra que elaboram as sugestões desvinculadas da indústria cultural que se apresentam nos centros urbanos. “Em São Paulo, Mário de Andrade emocionava-se com a perspectiva de uma viagem para Iquitos, no Peru, através do Amazonas”. (CASTELO BRANCO, 1971, p. 15). Por conta disso, sua atividade epistolar relaciona-se à preocupação com a forma através da qual esses elementos concorrem para que se verifique um meio de revelação da criação como plano de originalidade. Para tanto, serve-se das mais variadas expressões da arte das camadas desprovidas de aparato técnico, desvinculas do interesse comercial como objeto da especulação artística. A isso impõe a força de seu pensamento crítico, com vistas ao funcionamento da arte como referendo à participação da sociedade. Assim, a reunião dessas cartas compõe um dado específico de ideias que colaboram com o que Mário de Andrade pretende quando busca estreitar sua relação aos diferentes âmbitos da cultura:

Mário de Andrade foi um correspondente fecundo; um correspondente

contumaz, como ele próprio se considerou. Dialogava com escritores, artistas plásticos, músicos e personalidades de seu tempo. Escreveu muito e a muita gente; conservou cartas de inúmeros remetentes. Sua correspondência ativa, que se pode igualar, em termos de valor, à de grandes autores a epistolografia universal, vem sendo gradativamente conhecida. (AMARAL, 2001, p. 11).

A busca por elementos perdidos da cultura brasileira encontra em Mário de Andrade alguém a quem interessa diretamente uma ordem de raciocínio crítico acerca da produção popular da arte. O primeiro momento modernista impõe à obra de Mário de Andrade a recuperação de uma dicção de teor popular crítico que coloca que se evidencia em *Clã do jabuti* e *Macunaíma* como referências fundamentais. Daí a importância do que registra expandir-se como parte integrante de um conjunto de ações que associam à escrita um *corpus* de manifestações de cunho popular coletadas em sua origem. Desse modo, sua correspondência manifesta o desejo de ampliar o entendimento acerca do lugar a ser ocupado pelas diferentes manifestações da cultura. Para tanto, procura classificá-la a partir de um *ethos* de legitimidade que a faz diferir do que considera como contrafação referente à cultura de massas. A observação crítica que a isso se acrescenta coloca sua correspondência como porta-voz da vontade manifestada no sentido de que os temas musicais oriundos do repertório popular. Por sua vez, não há qualquer relação de registro na indústria cultural que sirva como elo à criação de uma música erudita de concepção brasileira:

A caracterização de um determinado objetivo, no que se refere ao material a ser coletado, impõe a Mário de Andrade a necessidade de estabelecer contatos através de cartas com personalidades da cultura que lhe ajudam a reunir as informações de que seu trabalho se nutre. Ainda que a capacidade de se doar em generosa fonte de informações aos que a ele recorrem seja uma constante, parece haver do mesmo modo uma via contrária, no sentido do contato com elementos que lhes são muito caros, no que tange não apenas à relação humana como também às informações que busca coletar como alvo de sua pesquisa mais profunda. “A essa altura, Mário de Andrade já refizera seu pensamento acerca do movimento modernista e chegara à conclusão de que o acesso ao universal deveria passar pela afirmação da brasilidade”. (PENNA, 2013, p. 12).

Assim, suas cartas são um meio de que a crítica que lhe é posterior pode dispor em vista do entendimento acerca de sua forma de pensar a cultura como um corpo vivo e atuante. A gama de informações de que se serve arrima-se à necessidade de conhecer *in loco* os rudimentos da cultura popular do Norte e do Nordeste a partir das duas viagens que empreende. Daí a relação que se estende das cartas ao contato pessoal que se estreita, o que acaba por viabilizar o encontro com a síntese do que busca, através de Chico Antônio e Odilon do Jacaré, representações

genuínas de uma vertente popular em via de extinção. Desse modo, essas viagens lhe possibilitam a continuação de sua correspondência com artistas, escritores e intelectuais que lhe acrescentam valiosa informação:

Mário de Andrade entra em contato com a Literatura Popular em duas áreas distintas: o Folclore propriamente dito, quando pesquisa documentos ao vivo ou registrados em trabalhos de folcloristas, etnógrafos e sociólogos; a literatura culta, quando capta composições populares e as recria em romances, contos e poemas. Sua pesquisa de campo lhe revela os assuntos com que trabalha a composição popular de seu tempo e com que trabalhou a geração que o antecederá; sua pesquisa em autores aprofunda no tempo e no espaço a informação. A literatura culta, prosa e poesia, serve-lhe de fundamentação quanto à validade da assimilação do material popular. (LOPEZ, 1972, p. 123).

A articulação de uma ordem de pensamento que se impõe como registro do que Mário de Andrade elabora em sua obra perpassa a produção cultural das camadas populares tendo como veículo a atividade epistolar que lhe propicia entrar em contato com as diferentes referências. Há que se pensar acerca do primeiro momento modernista como tentativa de teorização inovadora, em vista da arte de vanguarda como valor que se adensa aos elementos arcaicos. Por seu turno, Mário de Andrade concorre para que se estabeleça um *corpus* da cultura popular que se manifesta como proposta de trabalho até o fim de seus dias. A isso corresponde às relações que estabelece com articuladores responsáveis em maior ou menor grau de intensidade pela configuração do pensamento moderno como possibilidade de entendimento acerca do país e da cultura de seu povo. Daí os supostos conflitos entre a caracterização do arcaico e a confirmação do moderno encontrarem na correspondência de Mário de Andrade os termos que irão formular a concepção de sua obra. Nesse primeiro instante da atividade modernista, a rede de contatos que irá criar tem em sua troca de cartas um elemento de valor imprescindível.

3. A REPRESENTAÇÃO DA CULTURA

Os avanços representados pela caracterização da cultura brasileira moderna dão conta de um esforço que acaba por promover contendas no conjunto das ações do que parecia resultar de uma unidade que se vê submetida a divisões. A politização da atividade literária enseja a redefinição de grupos de força contrária que se alinham a diferentes segmentos da cultura e do pensamento político. Assim, há que se pensar a respeito da tomada de posição do romance, bem como da poesia que na década posterior à deflagração do Modernismo colocam-se ao par das

demandas sociais e políticas que têm urgência em vir à luz das discussões. ‘Para Mário de Andrade, o conceito de arte social não coincide com a posição, defendida por várias correntes intelectuais da época, de subordinar a arte a alguma ideologia’. (MORAES, 1999, p. 18). Diante disso, parece ter lugar a afirmação das propostas modernistas, sobretudo no que se refere à configuração de um *corpus* de cultura brasileira a que se alia a proposta de Mário de Andrade. O sentido da revisão crítica acerca de elementos formadores de uma nacionalidade decorre do processo em curso desde a década anterior, o que, por sua vez, não rouba do homem erudito o desejo de interagir com as novas gerações:

Esse lado erudito de Mário vinha-lhe de sua profissão. Nunca conseguiu esquecer que era professor. Foi, pelo que ouvi de muitos de seus alunos, um excelente mestre, desses que despertam ideias nos seus alunos. O interesse que tinha pelos jovens que escreviam vinha-lhe de sua vocação de professor. Qualquer poeta inédito que lhe mandasse um poema que perpetrara, recebia uma longa carta em resposta cheia de conselhos e compreensão. A correspondência que mantinha pelo Brasil afora com jovens autores era enorme e lhe roubava um tempo preciso. Às vezes queixava-se dessa perda de tempo, mas continuava a animar e consolar poetas inéditos e hesitantes. (MORAES, 1979, p. 19).

A caracterização de elementos que se constituem no pensamento que se quer formular encontra referência no desejo que Mário de Andrade alimenta, no sentido de configurar o acervo que reúne. A isso corresponde seu trabalho, sobretudo se for considerado o vasto material etnográfico que recolhe em suas viagens como motivação que induz à criação de um órgão de cultura capaz de dar conta do que passa à responsabilidade oficial, na forma de serviço público. A essa investida corresponde a troca de correspondência com Candido Portinari, Rodrigo M. F. de Andrade, Rubem Borba de Moraes, Paulo Duarte e Alberto Lamego dando conta do período que antecede a criação de Departamento de Cultura de São Paulo, de que se torna o primeiro diretor, em 1936. Os projetos culturais pelos quais mobiliza parte de sua energia criadora malogram em vista de sua demissão injustificada, logo após a exoneração do Prefeito Fábio Prado, pelo Estado Novo. De todo modo, a troca de informações com os amigos que com ele pensam na criação desse órgão de cultura, assim como dos que, por motivos afins, se aproximam desse projeto, concorre para que nesse instante tenha efeito um dos acontecimentos de maior relevância na história do modernismo brasileiro.

A devoção de Mário de Andrade faz com que sua atividade à frente do Departamento de Cultura lhe possibilite pôr em prática projetos que visam colocar a serviço da população da cidade um legado cultural que faz com que o bem coletivo corresponda à iniciativa pessoal de

quem consagra a vida a esse mister. Diante disso, muitos de seus projetos são adiados, incluindo-se a organização uma grande antologia da música folclórica, para que tenha efeito a dimensão inusitada de um centro de cultura destinado ao público em geral. A utopia desse projeto corresponde ao sonho de quem tenciona oferecer o melhor de si, acarretando com isso uma série de situações que irão colocá-lo como elemento pioneiro, no sentido do que um órgão dessa magnitude passa a representar. “Até o fim da existência, foi um pesquisador inquieto que nunca se incomodou com fórmulas cristalizadas e fáceis. Em todos os planos da vida, era um progressista”. (SOFFIATI, 1992, p. 36). Assim, a luta que se desenrola em torno do que o Departamento de Cultura representa como possibilidade de coroamento da atividade intelectual de Mário de Andrade, em vista das pressões do estado de exceção, concorre de modo desastroso na vida pessoal de quem a ele dedica sua energia criadora:

O espaço cultural no qual se movia a geração de 30 era fortemente marcado pela farta instabilidade dos intelectuais, quase sempre gerada pela dependência a serviços e empregos provisórios. Sua principal atividade consistia em publicações de artigos e resenhas críticas sobre o momento nacional. Militantes partidários ou não, eram todos membros de redação de jornais, editores de pequenas revistas e demais veículos de imprensa. Com efeito, gozavam de certa independência em face das estruturas institucionais. Justamente por isso, as condições para a realização de amplos projetos culturais, até então exíguas, tornaram-se viáveis com a fundação do Departamento de Cultura. (BARBATO JR., 2004, p. 116).

O Departamento de Cultura tornou-se um polo aglutinador de diferentes atividades, concorrendo como instituição capaz de dar continuidade ao projeto das duas viagens ao Norte e ao Nordeste. Além disso, coloca-se a serviço da população da cidade a partir da oferta de atividades que se prestam à integração do patrimônio cultural à necessidade desses bens estarem disponíveis. Os polos de cultura que são criados atendem a população de São Paulo, sendo esse um serviço pioneiro em todo o país. Por fim, Mário de Andrade envia uma equipe de pesquisadores ao Nordeste, dessa vez munida de aparelhos de gravação sonora e visual, que refaz seu antigo roteiro na busca por elementos etnográficos de relevância. No entanto, essa missão é interrompida pela demissão de Mário de Andrade, o que lhe causa um grave abalo, no que se refere à desestabilização do projeto que alimenta como objetivo que permeia sua obra. Os sinais de que a cultura brasileira não pode prescindir de quem a ordene em sua configuração moderna repercute no desejo de Mário de Andrade em adentrar o labirinto do que considera imprescindível:

Os que viveram intimamente com Mário de Andrade sabem que até ali por volta de 1936 costumava ele repetir como um estribilho isto: “Sou um homem feliz!” Pois documentado com as suas cartas, o resto de suas cartas que não se perderam e com o conhecimento que melhor do que ninguém tive pelo menos desses últimos vinte anos antes de sua morte, posso afirmar que Mário deixou de ser feliz no dia em que o expulsaram do Departamento de Cultura. (DUARTE, 1977, p. 6).

Assim, cabe lembrar que a função que exerce à frente do Departamento de Cultura não concorre para torná-lo um burocrata, uma vez que sua atividade de pesquisador antecede sua nomeação para esse cargo. Isso, por sua vez, deve ser entendido como uma extensão do que antes ocorria, sucedendo-se, do mesmo modo, à demissão do órgão por questões de ordem política. Diante disso, a correspondência em torno de projetos do Departamento de Cultura, assim como a que dá conta de sua implementação e do desenvolvimento de atividades que são de fundamental importância, representam documentos através dos quais Mário de Andrade estabelece as diretrizes básicas de seu programa de trabalho. “Como Mário de Andrade tinha por princípio fazer circular o seu conhecimento múltiplo pelas diversas áreas do saber em que atuou, a sua participação nos programas institucionais espelhará também a sua concepção de cultura”. (FROTA, 1981, p. 21). A prática do que passa a corresponder a essa investida dá conta de seu entusiasmo no sentido de oferecer à população a carga de conhecimento que acumula. O espírito de homem público, presente em sua postura de escritor comprometido com seu tempo, atinge o ponto mais elevado de sua atuação como intelectual e artista.

As transformações decorrentes do processo de implementação de uma nova concepção acerca dos rumos da sociedade brasileira com a efetivação de um perfil de público consumidor de cultura que advém da classe média concorrem para que os desdobramentos da atividade modernista contemplem segmentos até então não consultados quanto a seu papel e sua possibilidade de participação. Assim, a necessidade de rompimento com os ditames de uma cultura do artifício, representada pela estética parnasiana, passa à condição de elemento que se manifesta de modo crítico quanto às demandas sociais, o que se pode exemplificar no comprometimento de artistas e escritores com às formas da crise que se agudiza. A contribuição de Mário de Andrade, para além do denunciamento social que nele não encontra uma posição, em que que pese *Os contos de Belazarte* (1934) e *Contos novos* (1947) apontarem a direção do conflito social, assume o espaço da incorporação aos estudos da cultura do que até aquele momento se mostra como corpo estranho, em vista dos valores ligados a grupos que assumem posições totalitárias. Ao autor de *Macunaíma* interessa cotejar a cultura de vanguarda com o legado popular como elemento essencial ao desvelamento do lugar onde acredita residir o

conceito de brasilidade que busca definir:

A correspondência extensiva de Mário de Andrade deve ser reconhecida como documentação que, além de seu interesse literário, seguramente irá ajudar, no futuro, a uma nova compreensão de sua *Obra*, do seu “corpus”, a uma montagem de sua biografia e que vale também, e muito mais, como testemunho de um momento cultural brasileiro. (PERES, 1982, p. 13).

A aproximação entre a correspondência de Mário de Andrade e a configuração de uma ensaística que amplia sua condição de crítico e pesquisador parece fundamentar o que representa a Departamento de Cultura como termo inerente ao coroamento de seu projeto. Ainda que a isso se suceda seu afastamento do cargo de diretor podem ser evidenciadas outras investidas. “*Na pancada do ganzá*, texto inconcluso, tem o enunciador que mais se distancia de sistematização predeterminada, pretendia sim recolher cantos populares, e quantos pudesse, porém sem a mais mínima organização’. (KOSSOVITCH, 1990, p. 155). Daí o Departamento de Cultura representar a parte de um sistema de pensamento que se apresenta muito mais abrangente. Por esse meio, parece imponderável a concepção de um projeto do qual não se tem a dimensão exata, na medida em que, ao ser colhido pela morte, Mário de Andrade tem interrompida a condição inerente a sua enorme capacidade de criação. Desse modo, se faz possível admitir que a fundação do Departamento de Cultura obedece a um segundo instante da atividade modernista, correspondendo à urgência de se formalizar através de um órgão oficial o que seu primeiro diretor considera como caracterização da sociedade que busca entender.

4. A APROXIMAÇÃO DO FIM

A demissão de Mário de Andrade do cargo de diretor do Departamento de Cultura e sua vinda para o Rio de Janeiro, na ocasião em que, a convite de Anísio Teixeira, leciona Filosofia e História da Arte na Universidade do Distrito Federal, concorrem para que se processe uma modificação repentina em face de projetos que se veem comprometidos. Daí o aluguel de um apartamento no Edifício Minas Gerais, na esquina da Rua do Catete com a Rua Santo Amaro, significar uma mudança no dia a dia do paulistano desambientado ao jogo político da Capital Federal, diante do qual não consegue adaptar-se, queixando-se das relações de poder de um tempo precário, marcado pela decretação do Estado Novo e, em seguida, pela eclosão da Segunda Guerra Mundial. Os efeitos do regime de exceção, além da crise pessoal, em decorrência da forma injusta com que se deu seu afastamento do Departamento de Cultura,

concorrem para que sua estada no Rio de Janeiro seja marcada por uma série de conflitos de ordem pessoal. Vivendo na capital do país por cerca de dois anos, aproxima-se do grupo ligado à Revista Acadêmica, estabelecendo relações de amizade que comporiam sua correspondência, de seu retorno a São Paulo até seus últimos dias.

Estranho cenário para um paulistano de decoroso padrão pequeno-burguês, que em mocinho acompanhava procissão, de opa, segurando vela, e só tinha experiência da vida num lar bem estruturado. Fazia suas farras, é verdade, mas como filho-família. A confusão do Rio, vista de perto, o deixava inquieto. Quanta gratuidade descuidosa, quanta leviandade impregnando os costumes, até mesmo a vida literária. Matutava: o espírito paulistano podia ser pesadão, sem graça, mas lá a gente sabia a quantas andava; ao passo que esses cariocas eram completamente imprevisíveis. (CASTRO, 1989, p. 23).

No Rio de Janeiro, Murilo Miranda, Moacir Werneck de Castro, Carlos Lacerda e Lúcio Rangel são seus amigos mais frequentes. A aproximação e a influência sobre esses jovens efetiva em Mário de Andrade uma forma de compensar o desgaste com relação aos antigos companheiros com quem se incompatibilizara, cansado das velhas gerações. “Mário de Andrade, ordeiro e disciplinado, sentiu-se atraído por aqueles jovens criativos e independentes e, ao mesmo tempo, arrojados, boêmios, inconsequentes na execução de suas propostas e ainda sem emprego fixo”. (SANTOS, 1998, p. 211). As rodas de chope na companhia desses amigos sugerem uma outra forma de convívio, o que lhe tonifica o espírito de artista, magoado com o que considera resultar dos descaminhos que colocam em lados opostos antigos aliados. Por sua vez, as queixas que acumula, decorrentes de seu afastamento de São Paulo, somam-se ao regime imposto pelo Estado Novo e a obsessão de estar sendo espionado pelos órgãos de repressão do sistema. As cartas que escreve nos anos de sua permanência no Rio de Janeiro denunciam os distúrbios do organismo provocados pelo excesso de álcool e a decepção com o serviço público, quando é obrigado a cumprir uma burocracia inócua, na condição de consultor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, deslocando-se para assinar o ponto, quando poderia produzir seu trabalho em casa.

O tumulto de uma vida de atribulações toma de assalto o homem de classe média que cresceu ao lado da família, repercutindo no transe de ter que provisoriamente trocar sua cidade, grande e ao mesmo tempo provinciana, pelo cosmopolitismo da capital do país, onde as consequências do estado de exceção lhe parecem muito mais próximas. Esse deslocamento resulta no aviltamento da sensibilidade de quem se sente afrontado em razão do que representou seu afastamento da direção do Departamento de Cultura. A ignomínia decorrente desse

acontecimento concorre para que Mário de Andrade deixe de ser o que foi, em vista do que manifesta em sucessivas cartas. Desse modo, sua sobrevivência pessoal e política, em meio a um clima de desconfiança e delações, faz dele um homem amargurado com os desdobramentos da crise brasileira, o que se reflete nas ocasiões em que destila em uma série de cartas de cunho confessional o dissabor que o acompanharia até a morte. Nesse sentido, a correspondência posterior a seu retorno a São Paulo, nos anos que antecedem sua morte, oscila entre a amargura e o consolo de amigos como Manuel Bandeira, a partir de relações de afeto e confiança de seus últimos projetos:

Mário de Andrade, sobretudo no princípio dos anos de 1940, demonstra ter consciência de que sua escrita epistolar incorpora o redemoinho das reflexões psicológicas. Essa escritura quer domar o pensamento desordenado, como uma possibilidade de apaziguar a vida mental. Realizando ordenação do caos, a carta dá, então, forma ao informe das sensações e angústias. (MORAES, 2007, p.145).

A partir da situação conflituosa que marca sua vinda de São Paulo para o Rio de Janeiro, Mário de Andrade sente-se desamparado, recorrendo aos amigos através de cartas que denunciam a inconformidade que lhe debilita, ao vivenciar um sentimento de impotência que lhe é superior, ao que se acrescenta o estado de exceção no país e o conflito mundial. “O autorretrato andradino recebe pinceladas de seu autor e dos outros que partilham dessa criação, devolvendo-lhe imagens verossímeis ou deformadas, conforme o traço particular de cada observador”. (SOUZA, 1999, p. 193). Diante disso, ressentido-se da opressão que se apodera dos espaços de convivência no trabalho, em vista da desconfiança de que existam agentes do sistema infiltrados nos órgãos públicos. A solidão que o atinge o faz recorrer ao contato com novos amigos, em vista do cansaço com relação a certo número de pessoas que conhece ao longo do tempo. Esse pode ser o exemplo do grupo de escritores mineiros que depois viria para o Rio de Janeiro. Daí Hélio Pelegrino, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino confirmarem-se como promessas da literatura que tanto despertam seu interesse, na condição de quem acrescenta formas inusitadas ao espírito criador do escritor combatido por muitas lutas. Além desses, Murilo Rubião seria mais um escritor mineiro em quem encontra o sentido de renovação que tanto procura:

Em carta a Murilo, após a estada em Belo Horizonte, Mário manifesta-se satisfeito e renovado graças à generosa acolhida dos intelectuais mineiros e agradece, principalmente, o gesto do amigo, sempre pronto a atender às requisições e caprichos do mestre. (SOUZA, 1995, p. 13).

O retorno de Mário de Andrade a São Paulo agrava ainda mais os achaques dos quais se queixa em cartas aos amigos. Na verdade, sua morte parece anunciar-se a partir de seu desligamento do Departamento de Cultura, estendendo-se em sua lenta agonia até o momento final. Sua correspondência multiplica-se nesses últimos anos, dando conta do sofrimento de quem parece ter desistido da batalha. De volta ao Rio de Janeiro, na condição de convidado, a palestra “O movimento modernista”, proferida na Casa do Estudante do Brasil, em comemoração aos vinte anos da Semana de Arte Moderna, dá conta de um homem amargurado diante do tempo. Pouco antes de completar cinquenta anos, apresenta os sinais do que a vida lhe fez. Envelhecido, com as marcas visíveis de uma saúde precária, reflete acerca do que representou o Modernismo, destacando o fato de que o movimento resultou do ímpeto de quem, como ele, não teria coragem de repetir o que fora capaz de protagonizar por ocasião da Semana de Arte Moderna. Diante disso, conclui acerca de seu papel no movimento como uma inconsequência. Na curva da vida, Mário de Andrade aponta para o sentido terminal diante da falta de ânimo para prosseguir na luta.

Os últimos anos de vida de Mário de Andrade aprofundam a agonia de quem não encontra consolo senão na copiosa correspondência que denuncia seu estado de saúde e sua decepção diante do que imaginou como meio de servir ao país a partir do legado de sua obra. Mesmo combalido, ainda encontra fôlego para assinar colunas de modo a ampliar seu pensamento crítico, colocando-se na posição de quem não abre mão de exercitar-se como escritor que pensa e busca difundir os caminhos que concebe para a renovação da cultura. No entanto, falta-lhe como condição principal a energia vital que se esvai a cada instante, dando sinais do que parecem ser seus últimos momentos. As cartas que escreve são o retrato da desolação, consolando-se no ombro de sua amiga e ex-aluna Oneida Alvarenga, que o acompanha até o fim. “Encontrei Mário de Andrade num dos primeiros dias de 1931. Por incrível que pareça, saí da minha terra mineira de Varginha expressamente para estudar piano com ele”. (ALVARENGA, 1983, p. 5). A casa da Rua Lopes Chaves, na Barra Funda, onde reside com a família, continua a ser um endereço de referência para quem quer escrever e discutir acerca de questões envolvendo arte e cultura como também da vida:

A passagem de Mário pelo Rio marcou para sempre a vida de muita gente, principalmente a da deslumbrada mocinha que acabava de se juntar ao grupo que se reunia quase todas as noites na Taberna da Glória, na Brahma e em alguns bares da Lapa em veementes discussões que esgotavam os mais variados assuntos: literatura, guerra, comidas, música, Estado Novo, fofocas, nazismo, pintura, poesia, o futuro da França, carnaval (Mário me ensinou a

letra da marchinha “Aurora”). (MIRANDA, 1981, p. 6).

Mário de Andrade faleceu na mesma casa em que passou quase toda a vida. Ao lado da família e dos amigos, foi colhido por um enfarto fulminante. Por sua vez, decorrido um ano de sua morte, a Revista do Arquivo Municipal publica uma edição em sua homenagem, ocasião em que, em um dos artigos, Antonio Candido trata da perenidade que antevê, no que se refere ao legado do escritor. No artigo, afirma que Mário de Andrade seria um dos escritores brasileiros mais estudados nos anos vindouros. Essa afirmação viria a cumprir-se de modo pleno, na medida em que o interesse por sua obra parece não ter fim, em vista da sucessão de estudos críticos que não se esgotam como possibilidade de trazer à luz do debate os múltiplos sinais da presença de sua vasta produção. No que se refere às cartas, treze anos depois de seu desaparecimento começa a ser publicado o resultado do que escreve aos amigos. A edição das *Cartas a Manuel Bandeira* é seguida por *73 cartas e Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*, que dão início a uma série de outras publicações de sua atividade epistolar, o que parece não ter um fim. Essa produção, portanto, serve de referência a uma quantidade significativa de estudos, na condição de depoimentos que ajudam a entender sua contribuição à cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Oneida. **Mário de Andrade–Oneida Alvarenga**: cartas. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

AMARAL, Aracy (Org.). **Correspondência**: Mário de Andrade e Tarsila do Amaral. São Paulo: Edusp, IEB, 2001.

BARBOSA, João Alexandre. **A biblioteca imaginaria**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996.

BATISTA, Marta Rossetti. (Org.). **Mário de Andrade**: cartas a Anita Malfatti, 1921-1939. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

CASTELO BRANCO, Carlos Heitor. **Macunaíma e a viagem grandota**: cartas inéditas de Mário de Andrade. São Paulo: Quatro Artes, INL, 1971.

CASTRO, Moacir Werneck de. **Mário de Andrade**: exílio no Rio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Hucitec, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

FROTA, Lélia Coelho. Mário de Andrade: uma vocação de escritor público. In: ANDRADE,

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Valdemar Valente Júnior

Mário de. **Cartas de trabalho**: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Almeida, 1936-1945. Brasília: SPHAN, Fundação Pró-Memória, 1981, p. 21-37.

KOSSOVITCH, Elisa Angotti. **Mário de Andrade, plural**. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. **Mário de Andrade**: ramais e caminho. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

MIRANDA, Yeda Braga. (Org.). **Mário de Andrade**: cartas a Murilo Miranda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

MORAES, Eduardo Jardim de. **Limites do moderno**: o pensamento estético de Mário de Andrade. Rio de Janeiro: relime Dumará, 1999.

MORAES, Marcos Antônio de. **Orgulho de jamais aconselhar**: a epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2007.

MORAES, Rubens Borba de. **Lembrança de Mário de Andrade**: 7 cartas. São Paulo: Editora Cruzeiro do Sul, 1979.

PENNA, Maria Luiza. (Org.). **Correspondência**: Mário de Andrade e Luiz Camillo de Oliveira Netto. São Paulo: Edusp, IEB, 2013.

PERES, Fernando da Rocha. (Org.). **Mário de Andrade, correspondente contumaz**: cartas a Pedro Nava, 1925-1944. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. **Ao sol carta é farol**: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTOS, Newton Paulo Teixeira dos. **A carta e as cartas de Mário de Andrade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

SOFFIATI, Arthur. (Org.). **Mário de Andrade e(m) Campos de Goitacazes**: cartas de Mário de Andrade a Alberto Lamego, 1935-1938. Niterói: Eduff, 1992.

SOUZA, Eneida Maria de. **A pedra mágica do discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

_____. Cartas ao mágico Rubião. In: MORAES, Marcos Antônio de. (Org.). **Mário de Andrade e o pirotécnico aprendiz**: cartas de Mario de Andrade a Murilo Rubião. Belo Horizonte, São Paulo: Editora UFMG, IEB, Giordano, 1995, p. 9-16.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O tupi e o alaúde**: uma interpretação de Macunaíma. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

Recebido: 15/10/2019

Aceito: 30/01/2020